

A VALORIZAÇÃO DA VARIEDADE LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE REVISÃO DE LEGENDAS DO DOCUMENTÁRIO DO PROJETO MAE MEKEA¹

**JÚLIA CAROLINE DE OLIVEIRA MADRUGA¹; TAÍS BELTRAME DOS SANTOS²;
ADRIANA PORTELLA³**

¹Universidade Federal de Pelotas – juliamadruga@hotmail.com

²Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – tais.beltrame@gmail.com

³Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – adrianaportella@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa “Amazon Indigenous Wisdom: Shaping Climate Solutions in Brazil”, evidencia o papel essencial das humanidades na formulação e projeção de políticas futuras para o enfrentamento das mudanças climáticas. As humanidades oferecem uma perspectiva singular, capaz de explorar e imaginar futuros possíveis, especialmente no que se refere à governança ambiental e às estratégias de mitigação e adaptação climática. A pesquisa propõe a incorporação das ontologias e dos valores de conhecimento dos povos indígenas da Amazônia nas políticas públicas voltadas à crise climática. Tal abordagem, além de reconhecer e preservar a sabedoria indígena, questiona metodologias tradicionais centradas no pensamento ocidental, contribuindo para a construção de perspectivas mais inclusivas e plurais sobre as transformações ambientais globais.

Dentre os resultados do projeto, um deles é um documentário chamado Mae Mekeia² – Sabedoria Indígena Amazônica: Moldando Soluções Climáticas no Brasil. O documentário foi realizado por dois cineastas acompanhando uma expedição de um grupo de pesquisadores no interior do Acre, onde passaram por uma imersão junto a seis comunidades indígenas na Floresta Amazônica, das etnias Noke Koi, Yawanawa, Shanenawa e Huni Kuin, no decorrer dos meses de fevereiro e março de 2025. O documentário tem como objetivo retratar as diversas sabedorias indígenas, suas percepções, lutas, necessidades e suas perspectivas perante as mudanças climáticas. O documentário se encontra na etapa de pós-produção e essa escrita é resultado da experiência da autora como revisora de legendas no longa-documental.

A partir das meditações realizadas durante os processos de legendagem e revisão, desenvolveu-se singular cuidado para que as legendas valorizem o processo de transmissão de conhecimento oral dos povos, respeitando seu tempo e seu modo de vida e, até mesmo, sua sintaxe particular.

Nascem, portanto, duas preocupações: analisar o que deve ser corrigido e modificado para se ater às normas formais da língua portuguesa, tais como pontuações e grafias, para que o espectador comum consiga compreender sem

¹ Este projeto (Referência da concessão: IOCRG\100887) é financiado pela the British Academy's ODA Challenge-Oriented Research Grants 2024 Programme, do the UK Government's International Science Partnerships Fund.

² Mae Mekeia significa “Cuidar do Planeta” em Hâtxa Kuin, língua falada pelo povo Huni Kuin na Amazônia Brasileira.

ambiguidades o que está sendo comunicado, sem modificar a construção original das orações, mesmo que essas fujam à norma; e transcrever com precisão palavras de origem Indígena, provenientes de diferentes idiomas.

2. METODOLOGIA

Para a realização do trabalho foram selecionados os primeiros cortes resultantes das entrevistas com representantes das comunidades visitadas divididas em seis comunidades (Aldeia Amparo Yawanawa; Clã Varinawa Vari Peo Noke Koi; Morada Nova Shanenawa; Ni Yuxibu Huni Kuin; São Joaquim Huni Kuin; Arco Íris Huni Kuin). Cada comunidade gerou um diferente número de depoimentos, totalizando, vinte e oito entrevistas com durações entre dez e quarenta minutos. As entrevistas não entrarão inteira no documentário, mas devem ser devolvidas na íntegra para as comunidades utilizarem o conteúdo da maneira que considerarem mais adequada.

Através da revisão textual que, para D'ANDREA; RIBEIRO (2010), se classifica como a intervenção do profissional revisor em textos acadêmicos científicos, literários, jornalísticos etc., busca-se contribuir para a legibilidade, para adequação linguística desses textos e para ser apresentado a um público geral; foram realizadas pontuais correções de ordem gramatical (pontuação e ortografia), mantendo a estrutura original das frases, como ditas pelos entrevistados, valorizando sua cultura oral.

Além disso, foi depositado particular cuidado na busca da grafia dos termos pronunciados nos idiomas Yawanawa, Noke Koi, Shanenawa e Huni Kuin, sendo mantido o contato com tradutores Indígenas.

Dessa maneira, é possível preservar a noção ocidental de registro, ainda mantendo a potência Indígena de compartilhamento do seu modo de pensar e de compreender o mundo. Este processo, além de essencial para a circulação do documentário no Brasil, sendo uma ferramenta de inclusão social, também visa facilitar a tradução dessas legendas para outros idiomas, como o inglês, língua falada pelo financiador do projeto, e de grande alcance mundial, aumentando o alcance do documentário como um desdobramento de impacto social e político do projeto de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo documentário, bem como todo documentarista, carrega em si o peso da responsabilidade da representação do outro. NICHOLS (2001) propõe a reflexão: que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que estão sendo filmados?

Escolhe-se um recorte específico da vida de uma pessoa que continuará a viver e existir após sua imagem ser vinculada a um produto audiovisual, mas é preciso estar plenamente ciente de que essa pessoa continuará vivendo sua vida e que carregará consigo os resultados, tanto benéficos quanto maléficos, desse produto.

Por mais naturalista que seja, todo documentário passa por intervenções, seja durante sua produção (a manipulação da câmera, as intervenções do entrevistador com seu entrevistado) ou em sua pós-produção (os cortes escolhidos, as falas descartadas, a legendagem). É preciso estar ciente, a cada passo, que toda manipulação contribuirá para a visão final que o espectador terá daquilo que lhe foi retratado. COMOLLI (2008) afirma que parte essencial do

documentário é filmar aqueles que se dispõem a isso, que se entregam por meio de um dispositivo que eles propõem e pelo qual eles seriam também - ou primordialmente - responsáveis. Sendo assim, o outro, isto é, aquele que está sendo filmado, também tem direito de posse sobre esse produto. Com isso em mente, a maior preocupação durante a pós-produção do documentário do projeto Mae Mekea tem sido desenvolver um produto digno que possa ser entregue de volta às comunidades da qual ele nasceu e que lhes traga algum benefício.

Em termos de revisão, foi necessário traçar o parâmetro do que poderia ser considerado um equívoco gramatical causado pelo próprio legendista, o que poderia criar ambiguidades e dificultar a compreensão e o que precisava ser ressaltado apenas como variedade linguística e forma de expressão cultural própria dos povos sendo entrevistados. Levando em consideração que o português é o segundo idioma desses povos, questões como concordância verbal, de gênero e de número surgiam naturalmente em suas falas, sem prejudicar a compreensão do todo, portanto foram mantidas nas legendas.

Acima de tudo, é importante evidenciar para o espectador a importância da manutenção e, até mesmo, apreciação dessa variedade linguística, ampliando seus horizontes de conhecimento e avançando debates sobre preconceito linguístico.

O preconceito linguístico é, para SCHERRE(2005), o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, consequentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...] Depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo. Se tratando de relatos de um grupo étnico historicamente marginalizado, cujos costumes foram ridicularizados e apagados, é de suma importância que, hoje, suas vozes sejam ouvidas, exatamente da maneira que seus interlocutores as expressam, sem julgamentos ou juízo de valores.

A legendagem é, em essência, um tipo de tradução da língua falada para a língua escrita. Quando essa tradução ocorre dentro de um mesmo idioma, é chamada Tradução Intralingual. ZETHSEN; HILL-MADSEN (2022) definem a tradução intralingual como a “reescrita entre diferentes variedades da mesma língua”(p. 176). Surge como desafio, porém, o fato de que em diversos momentos os entrevistados usam termos em seu idioma nativo, que devem fazer parte das legendas, mas que não fazem parte do domínio dos legendistas e revisores. É preciso, em casos como esse, compreender as lacunas deixadas pelo sentido original das palavras e buscar seu significado, bem como sua grafia correta, para que o conteúdo se torne compreensível ao espectador, servindo, também, como uma ferramenta para a manutenção desse idioma.

Atualmente em sua etapa final do processo de revisão, a atenção é voltada especificamente para identificar essas palavras de origem indígena, seus significados e sua grafia correta. Para isso, têm sido examinadas as transcrições das entrevistas, bem como sido enviadas partes da legenda para revisão de tradutores indígenas, pesquisadores parceiros pertencentes aos respectivos povos que abriram suas portas para a realização do documentário, reafirmando a importância de um trabalho horizontal e inclusivo, bem como o direito de posse desses povos sobre o produto final. A partir disso, o documentário deve avançar em suas etapas de pós-produção.

4. CONCLUSÕES

Um produto documental é responsável pela maneira como retrata um indivíduo ou grupo de indivíduos, de suas etapas iniciais ao empacotamento final. Durante a produção do documentário do projeto Mae Mekea – Sabedoria Indígena Amazônica: Moldando Soluções Climáticas no Brasil esse cuidado tem se mostrado de diferentes maneiras: desde a escuta ativa, a imersão dos documentaristas na cultura dos povos retratados, até os processos de pós-produção, legendagem e revisão, que buscam valorizar a cultura, o tempo, o estilo de vida e a variedade linguística de povos indígenas brasileiros, abrindo espaço para que estes saberes sejam compartilhados com um público maior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMOLLI, JEAN LUIS. **Ver e Poder. A inocência perdida** - Cinema, televisão, ficção e documentário. Minas Gerais, Ed. UFMG, 2008.

D' ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. **Retextualizar e reescrever, editar e revisar:** Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. Revista Veredas online – atemática – 1/2010, p. 64-74 – PPG Linguística/UFJF (ISSN 1982-2243).

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papirus, 2012. 270 p. (Coleção campo imagético) 791.43 N616i 5.ed. 2 exemplares (BCS)

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

ZETHSEN, K. K.; HILL-MADSEN, A. **O lugar da tradução intralingual nos Estudos da Tradução:** uma discussão teórica. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, UFRGS, n. 48, p. 175-196, 2022. (Trad. Gabriel Luciano Ponomarenko). Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4664>. Acesso em 15/08/2025